

Funaro endurece o discurso

CESAR FONSECA
Enviado Especial

Montevideu — Sob pressão do PMDB, que exige linha dura do Governo em relação aos credores internacionais, o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, fará em Punta del Este, Uruguai, onde se realiza a reunião do Grupo de Cartagena, reivindicações fortes para obter maior flexibilidade dos credores internacionais na renegociação da dívida externa brasileira. Há cinco meses o Governo negocia com os bancos, mas até agora não conseguiu o essencial, isto é, redução dos encargos financeiros, através de uma taxa de risco (spread), mais baixa, juros sobre juros.

Na última reunião de Grupo de Cartagena, no final de dezembro do ano passado, os 11 países latino-americanos devedores que o compõem elaboraram um documento no qual a mais importante decisão defendia que diante de condições que levam a economia dos países à impossibilidade de pagar seus compromissos e submetê-la à recessão estaria em aberto, conseqüentemente, a possibilidade de suspensão ou atraso temporário o pagamento dos encargos financeiros.

Dois meses depois da reunião de Cartagena, as negociações entre o Brasil e o único país latino-americano que mantém em dia o pagamento dos juros — e os credores internacionais permanecem em um impasse. O último balanço da situação financeira do País, em 1986, pelo Banco Central, deu conta de que o

balanço de pagamento poderá ser deficitário caso os juros sejam pagos integralmente, sendo que a cobertura do déficit, em torno de 200 milhões de dólares somente será feita com empréstimos externos ou investimentos externos, ambos problemáticos, do quadro interno inflacionário.

O PMDB deverá votar na próxima semana, durante reunião do diretório, um programa mínimo no qual ressalta o entendimento generalizado segundo o qual a inflação somente deverá retroceder, para valer, com uma negociação satisfatória da dívida externa, objetivo que não foi possível até agora diante da resistência dos credores em reduzir o custo dos encargos financeiros da dívida.

Para o ministro da Fazenda e seus principais assessores, e o presidente do Banco Central, Fernão Bracher, em discurso na França, esta semana, a dívida externa impõe pressão inflacionária insuportável sobre a economia na medida em que torna-se necessária financiar, via

emissão de títulos da dívida pública interna, a conversão dos dólares em cruzeiros gerados pelos exportadores. Segundo Luís Gonzaga Belluzzo, chefe da assessoria econômica de Funaro, se fosse possível negociar satisfatoriamente a dívida externa, o Governo poderia dar um tranco por prazo indeterminado nos preços dos serviços públicos, colocando a inflação na geladeira e permitindo, conseqüentemente, manter o ritmo do crescimento econômico, interrompido pela redução drástica do crédito a partir da semana passada.

Em Punta del Este, Funaro colocará mais uma vez na mesa a reivindicação em favor de uma redução do pagamento dos juros externos e deixará explícito que o País pode atrasar o pagamento dos juros se continuar enfrentando dificuldades para gerar um superávit comercial significativo, da ordem de 13 bilhões de dólares, responsável, segundo os estrategistas oficiais, pela pressão inflacionária.